

DUPLO CLICK

Katia Regina Cid Araújo

Fotografar é, de fato, um ato bidirecional: para frente e para trás. (...) Uma fotografia é sempre uma imagem dupla: mostra o seu objeto e, mais ou menos visível, atrás, o contradisparo, a imagem daquele que fotografa, no momento de fotografar.

Wim Wenders, 1993



○ nascimento da fotografia trouxe grande dilema aos pintores da época.

Afinal era função deles retratar a realidade, ainda que com tintas mais fortes ou tons pastel, linhas visíveis ou nem tanto, de forma religiosa ou profana. A realidade podia ser assim não tão real. Uma rainha não tão bela - formosa dama! (do que muito se lamentaria D. Pedro). A cena nada heróica: recriada em fama e glória (feliz D. Pedro em brado esplêndido). Recados eram transmitidos aos inimigos e amigos em grandes painéis a óleo.

Os séculos passam, mas o homem permanece – diriam minhas avós. Algumas mudanças, mas o tédio também impulsiona o progresso. Surge a imprensa, o tempo acelera. Os feitos, os fatos e a fama também. Ouvir a “voz” das notícias e noticiados, viver através das radio-novelas foi breve passagem para o sonhado mundo das imagens anunciado pela fotografia:

cinema e televisão. A galope, chegamos ao mítico século XXI, o futuro e sua maior representação: a informática!

Mas, voltemos ao nosso fotógrafo só para lembrar que, ao invés de deixar os pintores “desempregados”, ele os transformou. O Impressionismo e a pintura moderna são expressões da liberdade artística que não mais se restringia à função de representar a realidade, ou melhor, ao sentido (interesse) dominante da realidade. O privilégio, antes concedido aos gênios, democratizou-se e o sentido de arte tornou-se mais polissêmico. Belo e feio passam a ser conceitos que se modificam ao sabor da moda e do público.

De volta ao futuro e à informática, gostaria de pensar a fotografia em seu novo momento – a digitalização. Porém, a intenção aqui não é discutir a arte digital que, sem dúvida, é um tema fascinante, mas quero me manter fiel ao questionamento que me propus a partir de uma recente experiência na prática docente.

Sem os preâmbulos, meandros e inquietantes dificuldades e discussões que a pedagogia e informática na educação travam, decidi propor aos alunos uma visita à exposição “Um novo mundo, um novo Império”, no Museu Histórico Nacional. Explorávamos o (desgastado!) tema do momento: os 200 anos da Vinda da Família Real. A proposta era: ao invés de relatórios, criação de painel através de fotos tiradas por eles. Liberdade total. Importante apenas que procurassem destacar o que lhes pareceu mais interessante – duplo click. Mais que conteúdo, esperava compor um painel para chamar a atenção de professores e alunos sobre o prazer deste tipo de trabalho. Tentativa de vencer à resistência de muitos a saírem da escola.

Muito curioso. Na hora de montar o painel: fotos apenas da exposição. Nenhuma do trajeto, da camaradagem, das poses e brincadeiras que por tantas vezes os surpreendi clicando. O motivo? “Nada a ver”, foto para a escola “tem que ser do trabalho”. As outras eram “mico”.

Duas escolas: uma para “estudar” e uma para “zoar”... duplo click!

A escola precisa mudar. Precisa crescer para ser duas em uma! Modificar o olhar, o enquadramento. De professores e alunos. Se, por um lado, professores são "arraigados" ao passado, alunos também fazem a mesma divisão que nos primórdios da escola: aula é aula, lá fora é lá fora.

Os PCNs trazem "que se deve partir da realidade do aluno". Informática, câmeras digitais, videogames e afins fazem parte deste mundo, mas do mundo "lá fora". Creio que o disparo para trás do fotógrafo deva ir mais longe. Parar de ter respostas, buscar novas perguntas. A História mostra que foi perguntando e duvidando que o homem pensou, criou, sonhou e... click!

Sobre o(a) autor(a):

Mestranda do ProPEd. Grupo de Pesquisa Educação e Comunicação.